

Aprendendo a fazer cultura

Primeiras oficinas realizadas pelo Centro Cultural de Ceilândia atraem 300 alunos, que apresentarão os trabalhos em dezembro

Cláudia Lima
Da Equipe do Correio

Adona de casa Manoela José de Souza, 46 anos, lembra com saudades o tempo em que fazia teatro no colégio. "Era professora e aproveitava o teatro para ensinar melhor os meus alunos", conta. O vigilante José Benício, 44 anos, só recorda de um curso de teatro que fez durante uma semana de treinamento no seu trabalho.

Manoela e José são alunos da primeira turma da oficina de teatro no Centro Cultural e Desportivo de Ceilândia. Em meio a uma turma de adolescentes, a dupla de *veteranos* não deixa por menos. Pinta o rosto, faz rir, chorar, como todo bom ator e atriz.

E já sonha com o sucesso. "Se Deus me ajudar, quero ser ator também", espera José. "Só quero

ajudar as minhas filhas que também são professoras mas, se tiver oportunidade, quero seguir a profissão", promete Manoela. José é vigilante do próprio Centro e foi dispensado do trabalho pela sua chefia para participar do projeto. "Sempre que tiver eu vou querer participar", anuncia.

A oficina de teatro faz parte do projeto *Oficinas — Formação e In- formação*, que está sendo desenvolvido pela diretoria de cultura da administração regional de Ceilândia. O projeto está inaugurando a nova ala do Centro Cultural e Desportivo da cidade, que ficou pronto depois de longos doze anos de espera. No local, também funciona a biblioteca pública, que foi transferida do prédio da administração.

DEZ SALAS

Além de teatro, também estão

em atividades as oficinas de dança contemporânea, cerâmica, vocal, jornalismo comunitário e break. Cerca de 300 alunos estão inscritos nos cursos. As vagas estão esgotadas. "O objetivo é fomentar a arte e a produção cultural na cidade. Antes, não tínhamos espaço para oferecer esses cursos", afirma a diretora de cultura de Ceilândia, Nina Verez. O prédio dispõe de dez salas de aula, incluindo dois ateliês, divididas em mil metros quadrados.

Ao lado da sala da oficina de teatro, estão os alunos de break. O curso é ministrado pelo grupo Zulu Nation, que é de Ceilândia. A música alta embala os passos coordenados dos bailari-

nos. "Acho a dança muito bonita, e sempre pensei em aprender. Sempre fiquei observando os meninos e tentando aprender em casa. Ago-

ra, será mais fácil", comemora a estudante Clauze-
mir Barbosa Rocha, 19 anos, uma das poucas mulheres na turma.

Mais experiente, Erivelton Lima, 21 anos, já é capaz de ensaiar os principais passos do break, como *giro da cabeça, sapateado e moinho de vento*. "O break é como um hobby. Assim

como tem gente que gosta de andar de bicicleta, eu gosto de dançar break", afirma.

Além dos passos, os alunos vão aprender um pouco da história do

movimento hip hop, que começou nos guetos norte-americanos. "Exibiremos vídeos sobre os negros dos Estados Unidos e falaremos sobre o assunto durante as aulas", adianta o professor Carlos Alberto Acácio, 26 anos, conhecido como Pipoca.

Dançarino de break há 14 anos, Pipoca abre a aula com passos básicos — do tipo, dois pra lá, dois pra lá. Em seguida, a lição fica mais difícil. Os alunos têm que apoiar o corpo sobre uma das mãos e jogar as pernas para o outro lado. Até o fim do curso, os garotos e garotas terão que se equilibrar com os braços, pernas e a cabeça. Tudo com muito ritmo e ginga.

As oficinas terminam no dia 17 de dezembro, quando haverá uma cerimônia de encerramento no Centro, com a apresentação do resultado de todas as oficinas e a entrega dos certificados de conclusão.

"O OBJETIVO É
FOMENTAR A ARTE E
A PRODUÇÃO
CULTURAL NA CIDADE.
ANTES, NÃO
TÍNHAMOS ESPAÇO
PARA OFERECER ESSES
CURSOS"

Nina Verez,
diretora de Cultura de Ceilândia

SERVIÇO

Centro Cultural e Desportivo de Ceilândia
— WNN 13 A/B. Telefone: 581 7140